

PUBLICIDADE



Pastor Isidório: Olavo tem 'obsessão por orifícios corporais e excrementos' Foto: Daniel Marenco / Agência O Globo

VOTADO DA BAHIA

Parlamentar acha possível curar homossexuais com a pregação da Bíblia e quer criar o Dia do Hétero

Ana Clara Costa, de Salvador

21/03/2019 - 07:00 / Atualizado em 21/03/2019 - 12:20



CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Ser gay é um pecado, acredita Pastor Sargento Isidório, eleito deputado federal em 2018 pelo Avante. Segundo sua interpretação da Bíblia, a homossexualidade é uma transgressão tão grave quanto roubar ou matar. A razão, ele explicou: “O pior pecado é a negação da espécie, porque homem com mulher vem filho. Homem com homem não vem nada”. Frases como essas são proferidas pelo deputado — o mais votado da Bahia, com 323 mil votos — sem qualquer lustre politicamente correto, seja em suas lives no Facebook, em suas pregações (ele é pastor da Assembleia de Deus) ou em seus discursos no plenário da Câmara. Um de seus projetos, apresentados nos primeiros dois meses de mandato, é a criação do “Dia do Hétero”, no intuito de fazer frente à tendência que avalia existir no mundo de premiar o indivíduo que é homossexual. Isidório se autoproclama ex-gay e prega que a homossexualidade é uma escolha — e que se dá por três vias:

gravidez, desejaram um bebê de gênero contrário ao do nascimento do filho. O pastor não diferencia gênero de sexualidade. Ele também defende que a reparação à discriminação histórica de minorias não seja concentrada apenas nos gays. “Os negros, por exemplo, ainda não têm reparação. Negro não escolhe ser negro. Já a questão sexual é uma escolha”, arrematou o deputado.

Manoel Isidório de Santana Junior não esconde seu passado. Usa-o como combustível para as pregações que faz diariamente na Fundação Doutor Jesus, projeto social de tratamento de dependentes químicos que fundou em Candeias, Região Metropolitana de Salvador, há 27 anos e para o qual recebe repasses de dinheiro do governo da Bahia. Filho de um lar desfeito — a mãe, dona Maria José, costureira, foi abandonada pelo pai, seu Maneca, funcionário da Petrobras —, aos 6 anos Isidório começou a sofrer abuso de um primo que eventualmente aparecia em sua casa e dormia em seu quarto. O primo era cabo do Exército. Os abusos perduraram até Isidório ter cerca de 12 anos. Aos 16, ele conseguiu o primeiro emprego de carteira assinada, como cobrador de ônibus. A liberdade financeira, diz ele, conduziu-o para os excessos. Largou os estudos, a igreja batista que frequentava, passou a beber, fumar e usar drogas. Foi também nesse período que passou a se relacionar com homens, numa rotina que ele classifica como promíscua e que perdurou para além de seus 30 anos. Hoje ele tem 56.

BANCADA EVANGÉLICA QUER INDICAR MINISTRO DO STF E PGR



DELAÇÃO DO EX-PADRE WAGNER PORTUGAL IMPLICA A IGREJA CATÓLICA NA LAVA JATO



SETE POLÊMICAS ENVOLVENDO PRESIDENTES E ATOS SEXUAIS QUE VOCÊ TALVEZ NÃO CONHEÇA



defendendo os interesses de policiais nas greves da PM que ocorreram em alguns estados e que suscitaram até mesmo o esboço de um plano de intervenção militar por parte do governo. Ao ser preso durante um protesto, foi deixado próximo a um depósito de produtos químicos que causaram uma intoxicação que o levou à UTI e afetou suas cordas vocais. As greves lhe deram a notoriedade que terminou por elegê-lo pela primeira vez deputado estadual em 2002. Quem o conhece daqueles tempos não vê qualquer relação entre sua postura de então e o fundamentalismo religioso do presente. “Não se falava que ele era ex-gay ou ex-drogado. Ele era simplesmente uma liderança corporativista em formação. Não havia qualquer componente religioso no discurso”, disse uma liderança política baiana que o conhece desde aquela época.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Ao mesmo tempo que se relacionava com homens durante a juventude, Isidório mantinha duas mulheres, com as quais teve sete filhos. Cada uma vivia em um extremo de Candeias, numa espiral de pobreza agravada pelo vício do companheiro. Depois de trabalhar como cobrador, Isidório foi contratado como auxiliar administrativo em uma empresa que prestava serviço para a Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial (Sudic) do governo da Bahia. O posto ficava na BR-324, que corta a Região Metropolitana de Salvador. Por conviver com frequência com policiais rodoviários, conta ter se maravilhado com as botas usadas pelos oficiais. Perguntou-lhes certa vez como fazer para ter uma igual. Recebeu como resposta: “Vire policial, mas não creio que a corporação aceite doidos”. Isidório então passou no concurso para policial militar, mas ficou frustrado quando descobriu que só teria direito às botas se passasse na prova para policial rodoviário. E foi o que fez. Atribui o sucesso em concursos ao excesso de vagas e não a seu desempenho acadêmico, já que não conseguiu completar sequer o ensino fundamental.



Isidório em uma pregação na Fundação Doutor Jesus, em Candeias. Mais de 1.300 internos tratam o vício em álcool e drogas. Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

Conciliar a boemia, as drogas e os relacionamentos homossexuais com a vida na polícia não era difícil, disse o deputado, que assegurou que sua família sabia de seu vício em álcool, mas não das drogas nem das incursões gays. Isidório emendava semanas, por vezes meses sem aparecer em casa. Quando visitava a mãe, ouvia reclamações de que trabalhava demais. A conduta nunca o fez sofrer retaliações no trabalho. Fardado, comportava-se como Isidório, o sargento. Na vida homossexual, preferiu não revelar se os parceiros eram também do quartel. “Não vale a pena relatar, porque essas pessoas, assim como eu, se transformaram”, contou. No período de maior convívio com a criminalidade soteropolitana, chegou a planejar assaltos com marginais, mas disse nunca ter consumado os atos. Isidório também afirmou nunca ter se apaixonado por um homem, apesar de tantos anos levando uma vida dupla. Disse que só teve relações homossexuais quando estava bêbado — o que era, basicamente, seu estado permanente fora do quartel até os 30 anos, período de sua transformação.

No início da década de 90, Isidório contou, escorou-se em um poste, maltrapilho, quase sem andar e sem falar, supostamente infectado pelo vírus HIV — ainda que jamais tenha feito exame para comprovar a existência da doença. Foi quando avistou um grupo de evangélicos entoando cânticos em uma praça de Candeias. Ele disse ter sido chamado pelo grupo e que, ao ouvir a música, começou a chorar. O momento de epifania espiritual teria virado uma chave em seu organismo. Entrou Deus e saiu a vontade de beber, se drogar e transar com homens — ou “dar o furico”, como ele prefere dizer, inclusive durante suas pregações. Ele explicou o que sentiu valendo-se do Salmo 103. “Ele (Deus) é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades”. Dali em diante, como novo fiel da Assembleia de Deus, a vida de Isidório mudou. Reatou com Elza, sua primeira mulher, pois recebeu a “mensagem divina” de que só ela teria forças para aguentar o que estava por vir. Ele seguiu a orientação — e Elza, uma mulher morena, de cabelos lisos e feição zangada, aceitou-o de volta. “Sou ex-gay, restaurado. Sou a testemunha viva de que a cura existe”, disse.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Isidório atribuiu a ideia de criar um centro de recuperação de viciados a um “chamado de Deus”. Enquanto ainda se recuperava do vício, levava jovens envolvidos com o tráfico para dentro de sua casa, no intuito de curá-los com a “palavra”, que é como ele se refere ao texto da Bíblia. Longe das drogas, passou a ocupar um terreno baldio localizado na BR-324 que anos depois se tornou seu. No espaço que hoje tem 100 mil metros quadrados, negros e pardos se aglomeram num programa rudimentar de cura que envolve duas premissas básicas: disciplina militar e oração. Ali, Isidório, sua família e seus “arcanjos” — os ex-internos que ascenderam na hierarquia da fundação — dão ordens como

“ISIDÓRIO AFIRMOU TER SE LIVRADO DO ALCOOLISMO, DAS DROGAS E DA VIDA HOMOSSEXUAL DEPOIS DE TER SE CONVERTIDO À RELIGIÃO EVANGÉLICA. DISSE QUE, MESMO SEM TER FEITO TRATAMENTO MÉDICO, NUNCA MAIS INCORREU EM NENHUM DOS TRÊS HÁBITOS”

Hoje, a Fundação Doutor Jesus tem uma sede e duas filiais — todas em Candeias — e abriga mais de 1.350 dependentes químicos, dos quais 120 são mulheres, que recebem abrigo, alimento, tratamento psicológico e recreação gratuitos. Os internos — que, em alguns casos, além de drogados, são homicidas, ladrões ou jurados de morte pelo tráfico — têm em sua maioria olhar perdido, dentes faltantes e cicatrizes pelo corpo, em decorrência, sobretudo, do uso de crack. O governo da Bahia financia 565 internos da fundação. Na quadra da sede, há faixas de agradecimento ao ex-governador e hoje senador Jaques Wagner (PT) e ao atual chefe do governo, o petista Rui Costa — que Isidório não deixa de elogiar, mesmo dizendo que os repasses estão atrasados em dois meses. Trata-se, hoje, do principal centro de tratamento de viciados da Região Nordeste, que, apesar de ter começado na informalidade, recebe cerca de R\$ 10 milhões ao ano da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do estado da Bahia. O governo do estado afirmou, em nota, que os repasses são anuais, não mensais.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

“Aqui só tem filho desobediente. Só entra por esse caminho quem desobedece a pai e mãe”. Assim começa o sermão de Isidório aos internos da sede da

parlamentar em Brasília inviabilizar o cronograma. Mas, com ou sem sua presença, todos os internos são obrigados a comparecer três vezes ao dia ao sermão, ora conduzido por Isidório e seus filhos, ora por ex-viciados que viraram funcionários. O deputado se refere aos cultos como “encontros”, argumentando que são sessões “espirituais”, não evangélicas. Não há, contudo, nenhuma diferença entre o discurso proferido ali e o de qualquer outro ministério da Assembleia de Deus.



Crescimento conservador: Isidório tornou-se político depois de liderar greves de 200, mas adotou discurso religioso depois de eleito. Foto: Gildo Lima / Agência A Tarde

A pregação tem início depois de cerca de 15 minutos de música evangélica entoada em ritmo de axé, acompanhada de baixo, bateria e tambores de percussão. De camiseta, bermuda e descalço, Isidório apresenta uma performance no palco que arranca risos dos presentes. Ao pregar os males da desobediência, mostra aos internos uma série de facões e porretes, cada um com um nome bíblico, ameaçando usá-los em caso de transgressão. Trata-se de uma

parte do personagem que criou para si: ao personificar um sujeito desequilibrado, visa mostrar aos internos que, se ele se recuperou, todos podem se recuperar também. Afirmou ainda que o personagem, ora “louco”, ora autoritário, existe para impor respeito.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

No sermão, em meio a versículos da Bíblia, músicas e ameaças aos desobedientes, Isidório dramatiza sua própria história, por vezes em tom cômico. Ao relatar o período em que se relacionou com homens, amarra a camiseta no alto do torso, diminui o comprimento da bermuda, emula trejeitos de mulher e canta, arrancando risos da plateia. Em seguida, inicia a pregação de como é errado ser gay. Começa por dizer que não é contra. Que, fora de sua fundação, todos têm o direito de fazer o que quiserem. “Se ser gay fosse bom, eu estava gay até hoje”, diz, em meio a gritos de “Glória a Deus” de alguns presentes. “A Bíblia diz que Deus criou macho e...?” pergunta. Todos respondem: “fêmea”. “Homem e...?” volta a questionar. “Mulher”, devolve o coro de 1.300 internos. “Se o cara quiser se vestir de mulher, ele pode. Ele só não vai ser mulher. Se a mulher diz que é homem porque se veste de homem, não vai ser homem nunca. Mulher veio com xoxota, homem veio com chibata. E acabou.” Para dar chancela ecumênica ao discurso, Isidório alega que tal defesa está na Bíblia católica, na evangélica, nos grupos tradicionais de candomblé e no espiritismo. Em nenhum momento é contrariado.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



Fama de "louco": para impor respeito em seus internos, Isidório faz performance com porretes que têm nomes de apóstolos.
Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

A vida de um interno da Fundação Doutor Jesus é regrada. Há hora para acordar, fazer refeições, descansar e trabalhar. O tempo mínimo de internação é de nove meses. Quem quiser sair antes pode. Mas, caso decida voltar, terá de permanecer um tempo na chamada “disciplina”, informalmente tratada como “presídio” dentro do local. É lá que ficam aqueles que brigam ou transgridem as regras de convivência. A penalidade: o interno é excluído das atividades de recreação, como piscina e esportes, e não tem direito a comer proteína nas refeições. O tempo na “disciplina” dependerá da falta cometida. O máximo é de 90 dias. Quem não aceita ir aos encontros espirituais três vezes ao dia é penalizado. Quem é pego em qualquer lapso de conduta sexual, seja gay, hétero ou individual, vai para a disciplina. Internos que abordarem internas, também. Quem não transgredir pode, ao completar seis meses de internação, se dedicar a atividades profissionalizantes no local, como costura, panificação e serralheria.



ISIDÓRIO, PASTOR, SARGENTO, DEPUTADO E EX-GAY



Pastor-sargento segura um facão em pleno culto Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

Homens e mulheres ficam em áreas distintas, encontrando-se apenas na hora dos cultos — mas, ainda assim, sentados em setores separados e sob a supervisão de funcionários. A vida masculina, contudo, é mais independente. Exceto no período de trabalho (os internos são responsáveis pela manutenção e limpeza do local), homens podem ficar livres no gramado, nas quadras poliesportivas e nas mesas de jogos. Já mulheres ficam confinadas na ala de seus dormitórios — com as crianças. A fundação aceita mulheres grávidas e com filhos pequenos. Elas podem usar a piscina diariamente, em hora determinada. Se quiserem dar uma volta, precisam estar acompanhadas de uma funcionária — sempre do sexo feminino. Dona Elza, mulher de Isidório, passa a maior parte do tempo na ala feminina. “É onde mais tem briga, pois ficam confinadas”, contou ela.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



QUEM É IOLENE LIMA, UMA EVANGÉLICA ENTRE OLAVETES E MILITARES NO MEC



EIS QUE CHEGA O KIT GAY



POR QUE MINISTROS DO STF COMPARAM HOMOFOBIA COM RACISMO?



A refeição oferecida no local é motivo de orgulho para a família. Falam com satisfação da cozinha que funciona 24 horas por dia, da panificadora e da câmara fria com capacidade para 20 toneladas de carne que acaba de ser instalada. Ao mostrar o depósito de alimentos, Isidório gabou-se das marcas usadas ali — do achocolatado Nescau à linguiça Sadia, “a melhor da Bahia”. “É tudo top. Não usamos nada de segunda”, contou. Ele sabe que a comida — mais que a “cura” — é um dos maiores atrativos do local, que abriga sobretudo a população carente e esmagadoramente negra da Bahia e de outros estados. Isidório calcula que mais de 80% dos internos sejam viciados em crack. Tanto que, para onde quer que se olhe, há cartazes que estampam que o crack é igual ao suicídio. Contudo, disse não prover tratamento com medicação: apenas disciplina, atendimento psiquiátrico, psicológico, comida e “a palavra”.

Outro componente fundamental, avaliou, é a convivência familiar, que dá ares de lar ao local — e a falta de um lar estruturado é, segundo o pastor, a principal causa da entrada no mundo das drogas entre os internos da fundação. Em segundo lugar, estão os abusos sexuais sofridos na infância. Isidório se permitiu avaliar que o contexto de violência sexual também favorece a homossexualidade nos cerca de 60 internos que, segundo suas contas, são gays.



A separação é feita por gênero. Mais de 90% dos internos são homens, que não podem conversar ou se relacionar com as mulheres do local. Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

Isidório negou que sua fundação promova a “cura gay”. Mas, já em seu primeiro contato com a reportagem, ainda em Brasília, na Câmara dos Deputados, afirmou ser comum gays serem admitidos e, ao deixarem o local após o tratamento, se dizerem “curados”. “Ele chega lá para se recuperar da droga. Mas tem homem que chega de cabelo comprido, vestido de mulher, falando fino. E eu digo: abre a braguilha que vou lhe mostrar que você não é mulher. Já ela chega de cabelo cortado, cueca, calça, camisetinha de macho. Eu digo: você vai para o alojamento das mulheres”, relatou. Em alguns casos, ele contou, ao final de nove meses, a conduta sexual muda. “Há alguns que chegam lá e dão certo. Se organizam, cortam o cabelo, se ajeitam. Se depois voltam para sua prática, é problema deles. Mas há mulher que chega de cabelo raspado e sai bonita, vestida de sainha, normal. Tem até meninas que chegam lésbicas e depois se casam com homens. Ou então travestis que colocam silicone e, depois de um tempo, a

“A FUNDAÇÃO DOUTOR JESUS FOI CRIADA PARA ATENDER VICIADOS. MAS INTERNOS SÃO AVISADOS DE QUE, CASO QUEIRAM DEIXAR A VIDA HOMOSSEXUAL, RECEBERÃO ORIENTAÇÃO RELIGIOSA PARA ISSO”

Uma das “ex-lésbicas” que está de casamento marcado é Elaine Silva, de 29 anos. Há quatro na fundação, ela abandonou o vício e se tornou funcionária. Natural de Baixa Grande, na Bahia, era conhecida como “destruidora de lares” em sua cidade, por se envolver com mulheres casadas. De cabelo raspado e roupas masculinas, nunca havia tido relações com um homem — exceto quando sofreu abuso de um amigo de sua família, ainda criança. Viciada em cocaína, chegou à fundação para tratar o vício. Quando começou a ouvir a “palavra”, passou a questionar sua sexualidade. Um dia, ao limpar a parede do banheiro, começou a chorar e a pedir a Deus que “limpasse” sua vida e a livrasse do “pecado”. Foi então buscar orientação para atingir seu objetivo. “Comecei a ler a Bíblia e a entender que aquela não era a vida que Deus queria para mim.” Questionada sobre o tipo de recomendação que recebia, Silva disse ter ouvido das coordenadoras os benefícios da vida conjugal, do relacionamento com homens, e de como essa era a conduta pregada por Deus. Questionada sobre o que foi mais difícil abandonar — a droga ou a homossexualidade — Silva escolheu a segunda opção. “Rapaz, tem de ter uma determinação”, confessou.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



A sergipana Damare Alves, homônima da ministra (no centro da foto), de 24 anos, diz-se curada da homossexualidade depois de ingressar na fundação para tratamento contra o uso de drogas. Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

Determinação também é a palavra usada pela sergipana Damare Alves, de 24 anos, homônima da ministra bolsonarista, internada em 16 de janeiro por vício em cocaína — e sobrevivente de duas overdoses. Filha de evangélicos, relacionava-se com mulheres desde os 13 anos, idade em que também começou a usar drogas. Fã de futebol, seu maior ídolo é a jogadora Marta. Ao chegar a Candeias, contudo, Alves resolveu que não queria apenas se curar do vício, mas também deixar de ser gay e tornar-se o que ela chamou de “nova criatura”. “Ser nova criatura é olhar para meu passado e sentir nojo. É olhar para meu passado e não desejar”, disse, em tom de pregação, sob o olhar satisfeito do pastor. Alves trocou a calça e os tênis por saia longa e sandálias, passou a deixar os cabelos soltos e a se esforçar para conter os trejeitos de moleca ao falar. Sobre o futuro, afirmou querer se casar com um homem e ter filhos. “O que posso fazer é orar. Pedir permissão a Deus para que coloque um homem sábio em minha vida. Não um homem mundano, que não vai respeitar meu Evangelho. Tenho de procurar um homem evangélico”, disse. Ela contou que tem sido tão difícil abandonar a preferência sexual quanto a droga. “Um abismo leva a outro. A droga leva à

passou pelo menos uma hora conversando com a mãe, a avó e as tias sobre ser “nova criatura”, antes de mostrar a elas as instalações do local. A família disse à reportagem não se importar com a sexualidade da jovem, contanto que ela esteja feliz.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

“NA FUNDAÇÃO, HOMENS GAYS RECEBEM O MESMO TRATAMENTO QUE HETEROSSEXUAIS, EXCETO NA HORA DO BANHO, QUANDO SÃO LEVADOS PARA O BANHEIRO DOS IDOSOS. NO CASO DAS MULHERES, O TRATAMENTO É ESSENCIALMENTE IGUAL ENTRE AMBOS OS GRUPOS”

Josiane Santos, de 40 anos, alcoólatra, que afirmou ter descoberto ser homossexual aos 10 anos, disse que, após seis meses de internação, também está “curada” — não só do alcoolismo, como da vontade de fazer sexo com mulheres e também do hábito de se masturbar. “Era um vício que eu tinha e do qual, graças a Deus, aqui eu me livreí”, contou. A masturbação ali é proibida sob pena de “disciplina”. Na ala masculina, há cerca de 50 gays. Eles dormem nos mesmos dormitórios e fazem tudo junto dos demais homens — exceto o banho. Nesse caso, são levados para o banheiro de idosos, em horários diferenciados. Não há, na admissão, qualquer pergunta sobre a sexualidade do interno. Mas o pastor disse que percebe ao deparar com os trejeitos dos recém-admitidos. Na ala masculina, não havia caso de ex-gay para mostrar à reportagem.

grupos religiosos neopentecostais, não há um controle de tais atividades, tampouco uma doutrina “única” aplicada em todas as agremiações. O fisioterapeuta Kleber Rodrigues, de Belo Horizonte, foi submetido por dois anos a um “tratamento” promovido pelo movimento evangelizador Jocum (Jovens Com Uma Missão), ligado à Assembleia de Deus. Era 2006 e ele tinha 20 anos. Dançava em um grupo de jazz vinculado à igreja e foi convidado pelo pastor para integrar a Jocum. Ali, havia atendimentos pessoais uma vez por semana, além de viagens para retiros espirituais, com cerca de 20 outros homens gays. “Eles não tratavam como doença, mas eram enfáticos que se tratava de um pecado, um espírito maligno se apoderando de você”, explicou, lembrando as diretrizes.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



Elaine Silva, de 29 anos, só se envolvia com mulheres casadas. Ao tentar se curar do vício da droga e “ouvir a palavra”, passou a questionar sua sexualidade. Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

evangélica — incluindo a Igreja Batista Atitude, frequentada pela primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Para conter os protestos, alguns ministros defenderam que a nova jurisprudência, se aceita, não censurasse pregação religiosa. Livros do Antigo e Novo Testamento, como Levítico e Romanos, falam amplamente sobre o pecado — e é com base nesses escritos que pastores tomam a licença poética de concluir que ser gay é pecar. O deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), um dos líderes da bancada evangélica, chegou a empregar em seu gabinete a psicóloga Rozângela Justino, que em 2017 ganhou notoriedade ao conseguir uma liminar na Justiça do Distrito Federal para autorizar nacionalmente o tratamento de reversão sexual. A liminar foi derrubada, mas a psicóloga continua advogando publicamente em favor de sua causa. Tratamentos que visam à hipotética “reversão” da homossexualidade não são aceitos pelo Conselho Federal de Psicologia e profissionais que o praticam podem sofrer suspensão de seu registro. “Não há reversão porque não é doença. É uma condição que se desenvolve e cujos fatores de desencadeamento são desconhecidos. Em vez de buscar a cura, se deveria trabalhar a aceitação”, afirmou a psicóloga e sexóloga Maria Luiza Cruvinel.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Cena de um dos encontros da fundação de Isidório, onde milhares procuram apoio para superar o desemprego, a fome, as drogas e a falta de assistência. Foto: Lucas Seixas / Agência O Globo

Pastor Isidório, sempre eleito apoiando causas da bancada progressista baiana, passou pelo PT, PSC, PSB, Pros, PDT e Avante, mas direcionou seu discurso, no decorrer dos anos, para a pauta religiosa como forma de atrair fiéis e eleitores. Em 2018, apoiou Cabo Daciolo para a Presidência no primeiro turno e o petista Fernando Haddad no segundo, contra a orientação dos pastores evangélicos da Bahia. Apesar de policial, rejeitava o principal discurso da campanha de Jair Bolsonaro — o apoio à violência policial contra bandidos. “A história da pistola e de que bandido bom é bandido morto, não gosto. Não é verdadeiro. Primeiro é preciso saber quem criou o tráfico. Não foi o tecido social fragilizado? E quem fragilizou o tecido não foram os políticos do passado com a sociedade conivente? Governo não tem nada a ver com pistola. Policial que mata vai ser premiado? Quem não mata é menos policial? Quem vai escolher esses mortos? Lamentavelmente, na igreja evangélica, esse discurso funcionou. Mas onde está dizendo na Bíblia que bandido bom é bandido morto? A Bíblia diz amai-vos.”

mil internos. Mas, como todo viciado, contou que vive uma luta diária contra as tentações que já rondaram sua vida. “A cervejinha continua gostosa, o uísque com uma pedrinha de gelo também”, admitiu. Sobre a vontade de se relacionar com homens, concluiu que, tendo sido gay, é melhor manter distância. “Nos momentos ruins, as tentações vêm a toda hora”, ponderou. “Se ficar agarrado com homem, quem com porcos se junta, farelo come”.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Com Renato Grandelle

MAIS LIDAS NA ÉPOCA

1. NEM CASAMENTO ANIMA LULA A IR PARA REGIME SEMIABERTO

Juliana Dal Piva

2. "A COMUNICAÇÃO DO GOVERNO FALHOU", DIZ PRESIDENTE DA AEB

Nathalia Passarinho

3. AERONAVE USADA PARA COMBATER QUEIMADAS EM RONDÔNIA FOI COMPRADA COM RECURSOS DO FUNDO AMAZÔNIA

Época

4. INCÊNDIOS NA AMAZÔNIA ESPALHAM ANIMAIS CARBONIZADOS EM ÁREAS DESTRUÍDAS

Filipe Vidon

5. 'QUERO QUE LOJAS PAREM DE FATURAR COM MINHA FOTO QUE VIROU MEME'

Vinicius Lemos

MAIS DE ÉPOCA

VER MAIS

